

Se alguém vos annunciar
outro Evangelho além do
que já recebestes, seja ana-
hema.

S. PAU. AOS GALA. I, 9.

A REFORMA

Não creaes a todo o espi-
rito, mas provae se os espi-
ritos são de Deus; porque
já muitos falsos prophetas
tem vindo ao mundo.

1.ª S. João IV, 1.

Prégai o Evangelho a toda a creatura.

S. MAR. XVI, 15

FOLHA EVANGELICA

II ANNO

PORTO, 6 DE FEVEREIRO DE 1879

NUMERO 13

O QUE É O PROTESTANTISMO?

1

É mister que dediquemos alguns artigos a este assumpto que nos serve de epigraphe. É necessario que se saiba o que é o protestantismo, o que são os protestantes, e quaes as doutrinas que elles professam.

Não é raro ouvirem-se a cada passo as maiores injurias e calumnias contra o protestantismo, e o que é para admirar é que não partem ellas do vulgo ignorante, mas sim das classes mais illustradas da sociedade.

Pouco importa que muitos dos que vivem no meio da grandeza, hajam viajado pelas principaes cidades da Alemanha e Inglaterra, e tenham tido occasião de pessoalmente conhecerem da religiosidade e nobresa de sentimentos do povo protestante.

Pouco importa que durante a sua digressão por essas cidades hajam recebido dos protestantes uma hospitalidade que, indubitavelmente, não encontrariam entre os catholicos romanos.

Pouco importa que essas pessoas hajam tido occasião de per si mesmo comparar a cultura, a moralidade, e o progresso dos paizes protestantes com a ignorancia, immoralidade, e atrazo dos povos catholicos.

Guerra ao protestantismo! gritou o papa de Roma; guerra ao protestantismo! gritaram á uma os jesuitas, e todos os padres; guerra ao protestantismo, grita finalmente hoje a antiga aristocracia portugueza inimiga declarada das modernas liberdades.

Mas... guerra mesquinha, ignobil, indigna de pessoas que deveriam prezar-se; por isso que essa guerra é a guerra da calumnia e do insulto contra cousas e pessoas que não conhecem.

Julgam-nos indignos de hobrear com certas classes da sociedade? Mas não nos calunniem, não nos insultem, e mais que tudo não calunniem as nossas doutrinas.

Será mister recordar a esses amigos interessados na união híbrida do throno e do altar, que os discipulos de Jesus Christo foram odiados pelas altas classes da sociedade judaica?

Será preciso lembrar-lhes que o discipulo não é maior que o mestre, e que se este foi despresado, tambem o será aquelle?

Não, não lh'o recordaremos porem aconselhamos-lhes a que leiam o Evangelho e por elle apprendam o galardão que teem no mundo os discipulos de Jesus.

Mas... se se tractasse tam somente dos insultos pessoases, por certo não teriamos lançado mão da pen-

na para os repellir, pois que o christão sabe soffrer⁴ perder e amar.

Tracta-se porem, da nossa causa, que é a causa do Evangelho, e não devemos nem podemos callar-nos: o que contra aquella se diga, diz-se contra este, e nós antes que tudo e mais que tudo, devemos velar pelos interesses do Evangelho.

Se alguém com a ironia nos labios se rir de nós ao ouvir-nos fallar em nome do Evangelho, que tenha paciencia e chegará a occasião em que lhe provemos que razão de sobra temos para assim proceder.

Agora só nos propomos em alguns artigos desfazer as calumnias espalhadas contra os protestantes, não todas, porque ha algumas tam vulgares, tam nescias e tam destituidas do senso commum, que só merecem desprezo. Contestal-as seria dar-lhes importancia que realmente não teem.

Fallaremos no proximo numero.

G. D.

DO FUTURO DOS POVOS CATHOLICOS

IV

(Continuado do numero antecedente)

Se a sociedade civil tende a moldar-se na sociedade religiosa, como os factos o demonstram, deve submeter-se a um governo puramente despotico. Assim o entendem os partidarios da igreja. Bossuet, em sua *Politique tirée de l'Ecriture Sainte*, traça as condições do governo que convém a um paiz catholico. «Deus estabeleceu os reis como seus ministros e reina por elles sobre os povos.» — «A auctoridade real é absoluta.» — «O principe não deve dar contas a ninguem do que ordena.» — «É preciso obdecer aos principes como á propria justiça. Elles são deuses e participam, de certo modo, da independencia divina.» — «Os subditos não teem que oppor ás violencias dos principes senão observações respeitosas, sem amotinação e sem murmurio.» Assim logicamente, em um paiz catholico o governo deve ser despotico (1), primeiramente porque,

(1) Eis em que pomposa e vigorosa linguagem Bossuet nos dá a definição da monarchia, tal como resulta da tradição catholica romana, e tal como nos vem da Roma dos Cesares e da Roma dos Papas:

«É preciso obdecer aos principes como á propria justiça. Elles são deuses e participam de certo modo da independencia divina. Como em Deus está reunida toda a perfeição, assim

tal é o da igreja que serve de typo, depois, porque os reis recebendo o seu poder directamente de Deus ou do Papa, este poder não pôde ser limitado, nem fiscalizado.

A Reforma, pelo contrario, sendo uma volta para o Christianismo primitivo, gerou por toda a parte o espirito de liberdade e de resistencia ao absolutismo. Tinha a fazer nascer instituições republicanas e constitucionaes. O protestante não reconhece em religião senão uma unica auctoridade, a Biblia. Não se inclina diante da auctoridade de um homem como o catholico; examina e discute por si. Os calvinistas e os presbyterianos tendo restabelecido a organização republicana na Igreja, o protestante, por uma consequencia logica, transportou para a sociedade politica os mesmos principios e os mesmos habitos. A accusação que Lamennais dirige á Réforma é completamente verdadeira. «Tinha-se, disse elle, negado o poder na sociedade religiosa, era preciso negal-o necessariamente na sociedade politica e substituir em uma e outra a razão e a vontade de Deus; e cala um desde então, já não dependendo senão de si, começou a gozar de uma completa liberdade, a ser senhor de si mesmo, seu rei, e seu Deus.» Montesquieu disse tambem: «A religião catholica convém melhor a uma monarchia; a protestante acomoda-se melhor a uma republica.»

Luthero e Calvino não prégam a resistencia á tyrannia; condemnam-a antes e preconizam a obediencia. Elles não admittem tambem a plena liberdade de consciencia. Mas apesar d'elles, o principio da liberdade politica e religiosa e o da soberania do povo sahem logicamente da Reforma. Incontestavelmente taes teem sido por toda a parte seus fructos naturaes. Os escriptores reformados reivindicam os direitos do povo, e onde os protestantes triumpham, estabelecem instituições livres. Seus inimigos não se teem enganado; elles teem assignalado, como um mal, esta connexão entre a reforma e a liberdade.

«Os reformadores, disse um enviado veneziano em França no XVI seculo, prégam que o rei tem auctoridade sobre seus subditos.» Por ahí, accrescenta elle, caminha-se para um governo semelhante ao que existe na Suissa e para a ruina da constituição monarchica do reino (1).

«Os ministros, diz Montluc, prégavam que os reis não podiam ter nenhum poder senão o que agradesse ao povo; outros pregavam que a nobreza em nada era mais que elles (2). Realmente é esse sopro liberal e egualitario do calvinismo. Tavannes falla muitas vezes sobre o espirito democratico dos Huguenotes.

tambem todo o poder dos particulares está reunido na pessoa do principe. Que Deus retire sua mão, o mundo tornará a cahir no nada; que a authoridade cesse no reino, tudo ficará em confusão. Considerai o principe no seu gabinete: d'ahí partem as ordens que fazem andar de accordo os magistrados e os cabos de guerra, as provincias e os exercitos. É a imagem de Deus que, assentado em seu throno no mais alto dos céus, faz marchar toda a natureza. Os maus debalde se occultam, a luz de Deus segue-os por toda a parte. Assim, Deus permite que o principe descubra as tramas os mais secretos: elle tem olhos e mãos por toda a parte; os passaros do céu lhe contam o que se passa. Tem até recebido de Deus, para uso dos negocios, uma certa penetração que faz pensar que elle advinha. Penetrou a intriga, seus longos braços vão apanhar seus inimigos nas extremidades do mundo; vão desenterrar-os no fundo dos abysmos; não ha asylo seguro contra semelhante poder.» A republica americana é o contrario d'este absolutismo catholico; ella é o fructo e a imagem do calvinismo presbyteriano.

(1) Veja para as idéas politicas da Reforma a obra tão instructiva do sr. Laurent. *La Révolution française*, t. I, sect. 1. § 3.

(2) *Blaise de Montluc*. Collection des Mémoires de Petitot, 1.^a serie t. XXII, p. 72.

«São, diz elle, republicas nos Estados reaes, tendo seus meios, sua gente de guerra, suas finanças em separado e querendo estabelecer um governo popular e democratico (1).» O grande jurisconsulto Dumoulin denunciou os pastores protestantes ao Parlamento dizendo: «que elles só o que querem é reduzir a França a um estalo popular e fazer d'ella uma republica como a de Genebra da qual expulsaram o conde e o bispo; e se esforçam egualmente por abolir o direito de morgado, querendo egualar os peões com os nobres e os mais moços com os mais velhos, como sendo todos filhos de Adão e eguaes pelo direito divino e natural.» São evidentemente essas as idéas de revolução franceza, e se a França tivesse adoptado a Reforma do XVI seculo, teria gozado desde então da liberdade e do *self-government* e os teria conservado. Em 1622, Gregorio XV escreveu ao rei de França, para convidal-o a acabar com Genebra, fôco do calvinismo e do republicarismo. Em França depois da morte de Henrique IV, o duque de Rohan, Huguenote, quiz «fazer Republica,» dizendo que o tempo dos reis estava passado.

Accusaram a nobreza protestante de ter querido dividir a França em pequenos Estados republicanos, como na Suissa, e attribue-se á Liga o merito de ter mantido a unidade franceza. O que os huguenotes queriam era, com effeito, a autonomia local, a descentralização e um regimen federal consagrando as liberdades communaes e provinciaes. É o que a França debalde procura ainda estabelecer, é a paixão catholica da unidade e da uniformidade que fez encalhar a revolução e que sempre restabelece o depotismo.

«Calvino quer que o ministro do sancto Evangelho seja eleito com consentimento e approvação do povo, os pastores presidindo á eleição.» É o regimen que os calvinistas queriam introduzir em França. «No anno 1620 diz Tavannes, seu Estado era verdadeiramente popular, tendo os *maires* das cidades e os ministros toda a auctoridade, da qual não dão parte á nobreza de seu partido senão em apparencia, de tal sorte que se conseguissem realizar seus projectos, o Estado de França se tornaria, como o da Suissa arruinando os principes e a nobreza.

«Logo que a Reforma pôz o Evangelho nas mãos dos camponezes, este reclamou a abolição da servidão e o reconhecimento de seus antigos direitos em nome da liberdade christã. «A Reforma inspirou por toda a parte energicas reivindicações dos direitos naturaes, a liberdade, tolerancia, a egualdade dos direitos, a soberania do povo. Estão registradas em um grande numero de escriptos do tempo, entre outros, no celebre folheto de Lauguet: *Junii Bruti celtæ, vindiciæ contra tyrannos, de principe in populum populi que in principem, legitima potestate*, e no Dialogo, *De l'a autorité du prince et de la liberté des peuples* (2).

Estas idéas, que formam a base das liberdades modernas, sempre teem encontrado eloquentes defensores no protestantismo. O ministro Jurieu as defendeu contra Bossuet, em uma discussão bem conhecida, e Locke as expôz debaixo de uma fôrma scientifica. Do protestantismo é que Montesquieu, Voltaire e os escriptores politicos do XVIII seculo as tiraram, e d'ellas é que sahiu a revolução franceza. Mas, muito tempo antes, ellas tinham sido applicadas, com um successo constante, nos Estados protestantes, primeiro na Hollanda, depois na Inglaterra, e principalmente na America.

(1) Tavannes. *Ibidem*. t. XXIII. p. 72.

(2) *Mémoires de l'Etat de France sous Charles IX*, t. III, p. 57 e 64. Veja Lurant, *Révolution française*, t. I, p. 3 e 6.

O famoso edicto de 16 de Julho de 1581, pelo qual os Estados-Geraes dos Paizes-Baixos proclamam a substituição do rei de Hespanha, consagra claramente a soberania do povo. Para destituir um rei, deviam necessariamente invocar este principio: «Os subditos não foram creados por Deus para o principe, a fim de lhe obedecer em tudo o que lhe agrada ordenar, antes porém o principe para os subditos, sem os quaes não pôde ser principe, a fim de os governar segundo o direito e a razão.» O edicto acrescenta que os habitantes teem si lo obrigados, para escapar á tyrannia do rei, a recusar-lhe obediencia. «Não lhes resta outro meio, a não ser este, para conservar e defender sua antiga liberdade e a de suas mulheres, filhos, e posteridade, pelos quaes, segundo o direito natural, são obrigados a expôr suas vidas e seus bens. A revolução de Inglaterra, de 1648, fez-se em nome dos mesmos principios. Milton e os outros republicanos da epocha os defenderam com admiravel vigor de espirito e de caracter.

A revolução franceza não inventou os denominados principios de 89; apenas contribuiu para espalhar-os na Europa, e infelizmente em França nunca se respeitaram essas liberdades, nem sequer a mais sagrada de todas, a liberdade de consciencia (1). Os puritanos e os quakers os teem proclamado e praticado ha duzentos annos na America, e lá e na Inglaterra é que a Europa foi buscar a idéa nos fins do XVIII seculo.

Já em 1620 a constituição de Virginia estabeleceu o governo representativo, o julgamento pelo jury e o principio que o imposto deve ser votado por aquelles que o pagam.

Desde a origem Massachusetts estabeleceu a instrucção obrigatoria e a separação completa da Igreja e do Estado. As seitas vivem debaixo da lei commum e escolhem ellas mesmas seus ministros. A democracia representativa existe lá tão completamente como hoje. Até os juizes são annualmente escolhidos pelos cidadãos. Appresenta-se, porém, um facto ainda mais importante. Um homem se levanta (1633) reclaman lo não sómente a tolerancia, mas a completa egualdade dos cultos diante da lei civil, e sobre este principio funda um Estado. E' Roger Williams, nome pouco conhecido no nosso continente, mas que merece ser inscripto entre os dos beneficeiros da humanidade. Foi elle o primeiro que, n'este mundo ensanguentado pela intolerancia ha quatro mil annos, antes mesmo que Descartes tivesse fundado a livre investigação na philosophia, consagrou a liberdade religiosa como um direito politico. «A perseguição em materia de consciencia é, repetia elle, manifesta e lamentavelmente contraria ao ensino de Jesus-Christo.» — «Aquelle que dirige a nau do Estado pode manter a ordem a bordo e conduzi-la para o porto, embora toda a equipagem não seja forçada a assistir ao culto divino.» — «O poder civil não tem imperio senão sobre os corpos e os bens dos homens; não pôde intervir no que toca á fé, nem sequer para impedir que uma Igreja caia em apostasia ou em heresia.» — «Tirar o jugo da tyrannia de sobre as almas, é, não sómente fazer um acto de justiça para com os povos opprimidos, mas tambem estabelecer a liberdade e a paz publicas sobre o interesse da consciencia de todos.»

Deve-se ler, na admiravel historia de Bancroft, como Roger Williams fundou a cidade de Providencia e o Estado de Rhode-Island sobre estes principios então desconhecidos por toda a parte na Europa, excepto nos Paizes Baixos protestantes. Quando se estabeleceu uma

constituição em 1641, em Rhode-Island, todos os cidadãos foram chamados para votar-a. Os proprios fundadores chamaram-na uma democracia, e era-o realmente em todo o rigor da expressão e exactamente como a entendiá Rousseau. O povo governava directamente a si mesmo. Todos os cidadãos, sem distincção de culto, eram eguaes diante da lei, e toda a lei devia ser confirmada nas assembléas primarias. Era o *self government* o mais radical que tinham conhecido as sociedades humanas, e dura ha mais de dous seculos sem perturbações e sem revoluções.

Os quakers, na Pennsylvania e em New Jersey, deram principios semelhantes por base ao Estado. O poder reside no povo: *We put the power in the people*, tal é o fundamento da constituição de New Jersey. Eis as disposições principaes: Nenhum homem é nenhuma reunião de homens teem poder sobre a consciencia. Ninguem, em tempo algum, por meio algum, e sob nenhum pretexto, será perseguido, nem lesado, no que quer que seja, por suas opiniões religiosas. A assembléa geral será nomeada por escrutinio secreto. Todo homem pode eleger ou ser eleito. Os eleitores darão a seus deputados instrucções obrigatorias. Se o deputado não cumprir bem o seu mandato pôde ser processado. Dez commissarios, eleitos pela assembléa, exercem o poder executivo. Os juizes e os magistrados são eleitos pelo povo por dous annos. Os juizes presidem ao jury, mas o poder judiciario é exercido pelos doze cidadãos que o compõem. Ninguem poderá ser preso por dividas. Os orphãos serão educados á custa do Estado. O ensino é um serviço publico pago pela bolsa commum.

Mais ou menos são os mesmos os principios na Pennsylvania e no Connecticut.

Estas idéas que o homem possui a si mesmo, que é livre, que não se pôde exigir d'elle um serviço, ou uma contribuição sem o seu expresso consentimento, que o governo, a justiça, todos os poderes emanam do povo, este complexo de principios que as sociedades modernas se esforçam por applicar, veem incontestavelmente da tradição germanica e até são encontrados na origem entre a maior parte das raças, antes do desenvolvimento do poder real. Mas, se estes principios, soffocados na idade média pelo feudalismo, e a partir do XV seculo pela realza centralizada e absoluta, teem recobrado vida na Suissa, na Inglaterra, na Hollanda e nos Estados Unidos, é graças ao sopro democratico da Reforma, e só nos paizes protestantes se teem mantido e teem assegurado aos povos ordem e prosperidade. Se a França não tivesse perseguido, degolado ou desterrado aquelles de seus filhos que se tinham convertido ao protestantismo, teria podido desenvolver estes germens de liberdade e de *self-government* que se tinham conservado nos Estados provinciales. Esta verdade está muito bem provada em um trabalho do mr. Gustavo Garrison publicado já ha muitos annos (1). Os estudos e os acontecimentos contemporaneos trazem, cada anno, novas provas em apoio. Nas assembléas da Rochelle e de Grenoble, nos Estados-Geraes de Orléans, o espirito de liberdade e o espirito parlamentar mostram-se tão poderosos como no parlamento inglez, e falla-se esta linguagem clara e firme de Calvino, tão propria para tractar dos grandes interesses da religião e da politica.

(Continua).



(1) Convém, a este respeito, ler um artigo muito instructivo de Prévost-Paradol da *Revue des Deux Mondes* (1858), no qual elle mostra que nem a lei nem os magistrados teem admitido em França a liberdade dos cultos. Ella ainda não existe n'este paiz.

(1) *Revue des Deux Mondes*, 15 de Fevereiro de 1848.

OBSERVAÇÕES À PASTORAL

DO EXC.^{mo}

BISPO DO PORTO, D. AMERICO

SOBRE O PROTESTANTISMO

PELO DR. KALLEY

Meu querido amigo.

Muito lhe agradeço o exemplar que me remetteu da Instrução pastoral do bispo do Porto, D. Americo. Examinei-o com cuidado e do meu exame resultaram as observações seguintes:

O trecho de S. Paulo com que principia é digno de toda a attenção, pois nos apresenta uma maldição (anathema) fulminada pelo inspirado apóstolo, contra todos que transtornassem o Evangelho que elle annunciava.

Nem deve de admirar que Deus approve esta maldição, porque o Evangelho que S. Paulo prégou e chamou *meu* (1) era o *Evangelho de Deus*, (2) e o Evangelho de Christo, (3) de sorte que aquelles que o transtornam, transtornam as boas novas que Deus mesmo prégou para o bem de nosso desgraçado mundo; e portanto não só offendem a Deus, mas também enormemente prejudicam aos homens. Seja pois quem fôr, anjo ou apóstolo, a pessoa que altera o Evangelho, merece ser amaldiçoada; e conforme as citadas palavras, está amaldiçoada, e por Deus.

Quem estará, porém, incurso n'esta terrivel maldição? Por certo é todo aquelle que annuncia um Evangelho differente do Evangelho annuciado por S. Paulo. *E como é possível saber se um prégador está, ou não está incurso n'esta desgraça?* Mui simplesmente: pela comparação das suas palavras com o Evangelho de S. Paulo.

Assim como pela leitura da Pastoral do bispo podemos saber o que elle ensina, podemos saber igualmente pela leitura das cartas, ou Epistolas do Apóstolo, qual o Evangelho que S. Paulo annuciou. Então sabendo-o podemos comparar com elle as doutrinas que ouvimos de qualquer pessoa, seja um bispo romano, um anjo do céu, ou um prégador protestante.

Basta um exame mui breve para provar-se que S. Paulo no seu Evangelho ensinava: — 1.º *o grande mysterio* do Pae, do Filho e do Espirito Santo, tres pessoas distinctas, enquanto affirmava que ha um só Deus, que é vivo, sabio, santo, justo, poderoso, e glorioso, o Creador e Governador de tudo, no céu e na terra.

2.º *O facto tão certo como razoavel* que Deus entregou aos homens, para regra de sua conducta, uma lei santa, justa, e boa encerrada em dez mandamentos, dignos d'elle sendo a essencia de todos elles *amar a Deus, e amar ao proximo.*

3.º *O estado lastimoso do mundo inteiro*; declara que entre todos os homens não ha nem sequer um (excepto Jesus Christo), que ha guardado esta lei. Não ha nenhum justo. Não ha nem sequer um. Nem um pobre, nem um rico, nem um ignorante, nem um sabio, nem um velho, nem um novo, nem um clérigo, nem um leigo, que sempre tenha guardado a lei de Deus, *todos peccaram*, e portanto incorreram na pena de morte, debaixo da maldição declarada na lei que diz com auctoridade divina: «Maldito todo o que não perma-

necer em todas as cousas que estão escriptas no livro da lei para fazel-as.» (1).

Em vista d'estes tres factos terriveis annunciados no Evangelho de Deus e de Paulo, todo aquelle que os conhece, e os acredita, tem razão de estremecer, pois declaram que elle mesmo (juntamente com todos nós), é já merecedor da perlição eterna, e que senão achar algum caminho seguro da salvação, não lhe restará outra cousa por toda a eternidade senão remorsos, desespero, e miseria horrorosa. Haverá de encontrar a santa e justa ira do *Senhor* sem remedio e sem allivio.

O Evangelho de Deus, porém, annuciado pelo Apóstolo Paulo não deixa n'essas trévas o peccador cuja consciencia o condemna, e que está aterrorizado pelas ameaças da lei divina. Apresenta-nos mais factos como estes:

4.º Que Deus enquanto odeia todo o peccado está cheio de bondade para com o peccador, não quer que se perca, mas que se arrependa e se salve. No seu Evangelho S. Paulo falla muito da *graça* (*favor e bondade*) de Deus, da sua *misericordia* (*bondade para com os criminosos e culpados*), e do seu *amor*. Declara que o amor de Deus tem tanta largura, tanto cumprimento, tanta altura e profundidade que excede todo o entendimento humano — e que Deus *tem feito brilhar seu amor para connosco.*

5.º É um dos factos fundamentaes do Evangelho de Paulo que Jesus é, e sempre era, Deus, que creou e sustenta tudo e que se fez homem, tomando em união com Sua Pessoa Divina um corpo humano e uma alma humana, de sorte que sendo verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus, podesse remir e salvar-nos; e que completou essa tarefa que pelo Pae Eterno lhe foi dada.

6.º Para cumprir a tarefa tomou sobre si os peccados do mundo, e como sacerdote offereceu-se por nós em um sacrificio que valle bastante para expiar todos os peccados: também por nós como nosso substituto obedeceu perfeitamente, durante a vida, a todos os preceitos, dados pelo Pae Eterno de maneira que seus merecimentos podessem ser lançados em conta a favor d'aquelles aos quaes Elle quizesse offerecel-os.

7.º Acabada a expiação, e completa na morte a obediencia, resuscitou na manhã do terceiro dia em prova da perfeição do seu pagamento da nossa divida; e *tem* declarado que o pleno proveito da sua vida e da sua morte se concederá infalivelmente a todos os que crêm as novas e confiam no Salvador.

Ora estas cousas não são sonhos — não são mentiras ou phantasias poeticas. São factos certissimos, declarados no Evangelho de Deus, e annunciados por S. Paulo e os outros apóstolos. E quando um peccador os ouve, entende-os, acredita-os, e confia deveras em Jesus o Salvador, entra-lhe na alma a mais preciosa paz e uma alegria que nenhuma outra cousa pôde dar; pois vê que está exactamente nas circumstancias d'aquelles aos quaes Deus, conforme o seu Evangelho, assegura a salvação de graça. A mesma confiança em Jesus como seu Salvador espalha por todo o seu ser um socego e contentamento que o satisfaz na vida até á morte. E' peccador, sim, mas crê nas boas novas da redempção, confia no Salvador. Está salvo pela fé. E' um filho de Deus pela fé. Está dotado com todos os privilegios da familia de Deus, e é participante com elle da sua gloria, bemaventurança e vida, pois está unido com Jesus, é um membro do seu corpo, da sua carne, e dos seus ossos. Assim reza o Evangelho

(1) Epist. aos Romanos, cap. 2 verso 16.

(2) Idem I. 4.

(3) Idem XIV: 19.

(1) Epist. aos Galatas cap. III: v. 10.
Epist. aos Romanos cap. VI: 23.

de Deus, e de S. Paulo. Bem compete, pois ao crente sincero exclaimar como S. Paulo nas palavras da Epistola aos Romanos cap. VIII v. 31. «Se Deus é por nós, quem será contra nós?»

(Continua).



A VERDADEIRA CONVERSÃO

Existe um grande erro no espirito de muitos que se dizem christãos com relação á conversão. Muitos creem que a conversão consiste na mudança de opinião, de doutrina, ou do modo de pensar; esta conversão porém, não é nem póde ser aquella de que falla Christo quando disse:

«Em verdade, em verdade te digo, que o que não nascer de novo, não poderá entrar no reino do céu.»

Esta mudança de que falla o Salvador não póde effectuar-se por nenhum esforço, nem poder humano.

Podemos convencer os homens e convertel-os do seu erro pelo raciocinio, apresentando-lhes em face a verdade, e esta mudança assim verificada póde chamar-se-lhe conversão; porem, não assim no sentido biblico da palavra.

Christo não falla da mudança de opinião ou de credo, mas sim da mudança do coração, e da natureza decahida e corrompida do homem.

E' isto que se deve procurar mais que tudo, visto que do *novo nascimento* depende a salvação.

Não é bastante mudar o nome; é *necessario nascer de novo*. Esta obra que é a unica esperança da salvação, é obra do Espirito de Deus, e o homem, de nenhuma maneira pode fazel-a. «Mudará o negro a sua côr, e o leopardo as suas manchas?»

Impossivel! Tão pouco pederá o homem mudar o seu proprio coração. David o reconhece quando diz: «Cria em mim, oh! Deus, um coração limpo.» Nem a sciencia, nem as boas obras, nem a penitencia, nem o baptismo, nem a absolvição, nem a mudança de nome ou de credo; nenhuma, nem todas estas cousas juntas podem effectuar aquella regeneração que se necessita para que a alma se salve e entre no reino de Deus. O homem necessita um coração novo, uma natureza nova.

E quando se realiza esta transformação *sabe* o homem o que se tem effectuado em seu coração; *sabe* que «ha passado da morte á vida» e pode dizer: «As coisas velhas passaram, e todas são feitas novas.»

Não devemos confiar na mudança de fé, de nome, ou de credo. «Em verdade, em verdade te digo, que aquelle que não nascer outra vez, não póde ver o reino de Deus» e por consequencia muito menos entrar n'elle.

Effectuada esta obra no coração pelo poder do Espirito Santo, então, como diz S. Paulo: «Andaremos em novidade de vida, sendo creaturas novas em Christo Jesus.»

(Trad. d'El Abogado Cristiano).

LIVROS APOCRIPHOS

Snr. Redactor

Tendo lido na vossa respeitavel folha «A Reforma» um artigo sobre a falsificação das biblias, assigna lo por «um que examinou,» eis aqui mais algumas considerações sobre os livros apocriphos:

Quando se trata de saber se um livro é ou não é canonico, quer dizer, se tem estado sempre no canon ou na regra da fé, isto é uma pura questão de facto, cuja resolução depende das testemunhas. Porem, as testemunhas nos dizem claramente que estes livros não foram contidos no canon.

O decreto do mesmo concilio de Trento que põe estes livros no canon, é uma prova que antes o não foram. Não recebemos estes livros como canonicos, porque os outros livros da Biblia reconhecidos como canonicos rejeitam do canon aquelles que o Concilio de Trento acrescentou. Na Biblia dos Hebreos não são e nunca estiveram estes livros, e Jesus Christo e os seus Apostolos que censuravam os Hebreos sobre tantas coisas, não os censuraram por ter tirado estes livros da sua Biblia. E' possivel que Christo ou os seus Apostolos houvessem podido guardar silencio sobre este sacrilegio? Mas não basta: o Apostolo Paulo com uma palavra nos tira de toda duvida: elle diz «que os oráculos de Deus foram confiados aos Hebreos (Rom. III, 2);» por consequente é claro que aquelles livros só que foram confiados aos Hebreos são palavra de Deus; mas os Hebreos não tinham e não têm os livros que o concilio de Trento acrescentou ao canon, e por isso não são palavra de Deus. E' um facto que os Hebreos nunca tiveram aquelles livros como divinamente insorados, facto confessado não só pelos theologos protestantes, mas por S. Jeronymo e todos aquelles catholicos que têm conhecimento da Biblia. José, historiador hebreo do primeiro seculo falla dos livros canonicos dos hebreos escriptos por inspiração de Deus, e faz o catalogo como se acha nas Biblias dos protestantes, e acrescenta: De Ataxerxes até aos nossos tempos foram tambem escriptas todas as coisas que se succederam, não por isso devem crer-se porque faltou a successão dos prophetas;» acrescentando que os Hebreos foram tão fortemente ligados aos livros divinos que ninguem houvesse ousado tirar ou acrescentar uma só palavra, e que seria antes morto que de commetter este delicto. D'este facto cada um pode convencer-se confrontando a nossa Biblia com a dos Hebreos, e achar-se-ha que a nossa é semelhante á d'elles.

Mas... pode alguém dizer que os Hebreos tiraram esses livros!... Se os Hebreos houvessem querido tirar alguma coisa da Biblia não teriam tirado certamente aquelles livros que louvam grandemente a nação, mas sim muitas outras coisas que são contra elles. Alem d'isso não se pode suppor um tal delicto sem boas provas. Agora perguntamos: Quando os tiraram antes ou depois de Christo? Se antes, porque não foram censurados por Christo? Se depois, quando, como e por quem? Nenhum concilio, nenhum papa, nenhum padre, nenhum theologo jámais tem accusado os Hebreos d'um tal delicto. Isto basta sobre este ponto. Agora vamos a ver se a primitiva Egreja recebeu estes livros como canonicos. Meliton bispo de Sardis no 2.º seculo dá o catalogo dos livros santos como estão nas nossas Biblias. Origenes, S. Hilario, Gregorio de Nazianzeno, Euzebio e muitos mais dão o catalogo dos livros canonicos como nós os temos. O concilio de Laodicea no canon 59 dá o catalogo

dos livros canonicos, em tudo semelhantes ao nosso. O Cardeal Baronio põe este concilio entre os mais celebres da antiguidade e os seus canones foram depois recebidos e approvados pelo VI concilio geral; eis aqui dous concilios geraes em opposição, o VI concilio geral rejeita aquelles livros e o concilio de Trento os recebe. Podem os theologos romanos vingar aqui a infalibilidade dos concilios? Se se diz que os concilios III e IV de Carthago receberam como canonicos os livros dos Maccabeos, o cardeal Caetano responderá por nós, e esperamos que os padres não poderão negar a resposta de um dos seus mais doutos e zelosos cardaes. Elle no commentario sobre o livro d'Esther diz no fim assim: «Temos acabado os commentarios sobre os livros historicos do Velho Testamento, porque os outros livros que ficam, isto é Judith, Tobias, os dous livros dos Maccabeos são postos fóra do canon e postos entre os apocriphos de S. Jeronymo. Não deves perturbar-te, ta que és pouco experimental na sacra sciencia se algumas vezes achares postos estes livros entre os canonicos, ou de algum concilio, ou de algum padre santo doutor, porque as palavras d'estes concilios como tambem d'estes doutores devem entender-se segundo o sentimento, d'elle expresso, escrevendo aos bispos Cromazio e Eliodoro, o que é que aquelles livros não são canonicos; isto é que não são uma regra para fundar sobre elles os dogmas, sem embargo podem chamar-se canonicos no sentido que servem de regra para a edificação dos fieis, e n'este sentido só que alguns antigos concilios e padres os têm recebido na Biblia. Com taes distincções se comprehende o que diz S. Agostinho no segundo livro da doutrina christã, e o que foi escripto pelos concilios de Florença Carthago e Laodicea e do papa Gelasio.»

Se depois examinarmos um pouco aquelles livros não os podemos aceitar sem renunciar ao senso commum. Notemos brevemente alguns erros d'aquelles livros. Em primeiro logar o author dos livros de Maccabeos que o concilio de Trento nos quer dar como divinamente inspirados, nega abertamente a inspiração; findo a sua historia, diz: que houvera querido escrever bem mas pede desculpa dos erros. Depois d'esta confissão que a Igreja romana não tem tido o cuidado d'annullar, como se pode admittir a divina inspiração d'aquelles livros? A morte de Judas é descripta no capitulo IX Judas morreu no campo da batalha no primeiro mez do anno 153; ainda este mesmo Judas 36 annos depois de ter morrido escreve uma carta aos Hebreos que estiveram no Egypto. Estes livros não só não são dictados pelo Espirito Santo mas são uma compilação feita por homens sem juizo e sem memoria, não só fazem escrever cartas aos mortos mas fazem morrer a mesma pessoa varias vezes e em diversas maneiras.

Antonio, segundo o author dos livros dos Maccabeos, morreu 3 vezes e por 3 diversas maneiras. Morre a primeira vez de tristeza em Babylonia (I Mac. VI.), morre a segunda vez lapidado pelos sacerdotes (II Mac. 4) e morre finalmente a terceira vez nas montanhas d'Erbatana devorado de vermes (II Mac. 9.) E' sobre livros que dizem taes dislates que a Igreja romana funda os seus dogmas!

Um livro divino deve conter a verdade: Deus não pode ser nem author nem approvador de mentiras: Esperamos que os padres ao menos estejam d'accordo connosco sobre este ponto.

Agora leia-se o capitulo V de Tobias do verso 5 até ao 18, e diga se o anjo falla de homem honesto ou de mentiroso: se Deus pode ser author ou approvador de taes mentiras. Um anjo de Deus obrigado a ser mentiroso! Se no livro de Tobias não contivesse outras cousas isto bastaria para rejeital-o entre os apocriphos.

Tobias filho encontra o anjo em forma d'um lindo rapaz, não o conhece, e o saudá, e lhe pergunta de donde vem; e o anjo com uma mentira solemne lhe responde que era Hebreo: lhe pergunta se conhece o caminho que vae á Media, e o anjo com uma segunda mentira responde que não só conhece o caminho mas que o tinha feito muitas vezes; ainda com uma terceira mentira diz que tem mora lo perto a Gabel, e com uma quarta mentira que confirma a primeira e chama compatriota, isto é Hebreo: e o anjo certamente não era Hebreo. Introduzido a Tobias pai, este lhe pergunta quem era, e o anjo com uma quinta e sexta mentira lhe diz ser Azaria filho do grande Ananias.

E um anjo diz taes e tantas mentiras, e um livro no qual são registradas taes ignominosas mentiras ditas por um anjo deve dizer-se livro de Deus? E um tal livro poderá servir para estabelecer os dogmas? E com um tal livro não se poderia converter o dogma á mentira? Eis porque os padres ensinam que a mentira é um peccadinho venial, e a fazem dizer até os anjos. Um livro divino não pode conter contradicções. Agora leia-se o cap. VI, e se vê Tobias filho acompanhado do anjo fazer alto na margem do Tigre para lavar-se os pés, e eis um peixe immenso sahir para devoral-o.

Um peixe immenso (immanis) á praça do Tigre! Mas como aquelle peixe podia estar no rio? Como podia approximar-se á margem para devorar um homem que estava apenas com os pés na agua?

Mas não basta. Este peixe immenso foi preso facilmente pelo rapaz Tobias e tirado á terra, e depois foi assado e comido por Tobias e tambem por anjo, e o resto foi accommodado com sal e levado por elles para a viagem. Eis como se dão por armas nas mãos dos incredulos para desacreditar a palavra de Deus, querendo que seja palavra de Deus aquella que não é senão palavra de pios romancistas. A palavra de Deus condemna sempre a superstição e não a ensina nunca. Mas leia-se no cap. VI que o anjo ensina ao rapaz Tobias que uma porção do coração d'aquelle peixe posta sobre as brazas accezas tinha a virtude para expellir todo genero de demonios quer de homem quer de mulher de tal modo que nunca podem mais chegar a elles;..... d'aquelle magico peixe tinha a virtude de restituir a vista aos cegos. Mentiras e superstições que se não fossem sacrilegas, excitariam a gargalhada.

(Trad. do italiano)

Um leitor da Reforma

NOTICIARIO

Reacção — Aparecem entre os catholico-romanos inglezes signaes do começo de uma reacção contra o ultramontanismo,

Eis o que diz o «Catholic Gazette», orgão anti-jesuítico, recentemente publicado:

«Louvamos a Deus por não ser provavel os inglezes approvarem o systema jesuítico da educação, e apreciamos a força do antigo adagio do homem que declarou que «rendia graças a Deus porque era catholico e porque tambem nasceu e foi creado em um paiz protestante.»

Um bom testemunho em favor da Biblia — Diz o «Jornal do Commercio» de Pelotas (Brazil):

— O Snr. Americo Marcondes, presidente da provincia, para recordação da visita que fez á bibliotheca

publica da capital; offereceu a Biblia em dous volumes de lindissima impressão e encadernação.

S. Exc.^a fez acompanhar a sua offerta d'esta carta: Porto Alegre, 12 de dezembro de 1878.

Ill.^{mo} Snr. Dr. Frederico Bier.

Tendo verificado que a Bibliotheca da provincia não possui um exemplar da Biblia, o primeiro livro para os povos christãos sobre materia religiosa, offereço, para lhe ser destinado, o exemplar que envio, como lembrança da visita que fiz a esse estabelecimento.

Sou como sabe

Seu collega e obrigado,

Americo Marcondes.

Idolo Brasileiro—Diz o «El Evangelista» de Montevideo que ha tempos foi remettido do Brazil para New-York, uma imagem de S. Sebastião, que collocaram em um museu de curiosidades ao lado de alguns idolos dos pagãos, com o distico — *Idolo dos Brasileiros*.

Superstição no Chile—Lê-se no mesmo periodico que foi erigida em Antofagasta, pelo cura d'essa povoação, uma grande cruz de madeira que tem por fim dissipar os temores das pessoas que a ella recorram quando se dêem casos perigosos de phenomenos naturaes, e que os fanaticos devotos, assustados com os recentes terremotos, postam-se em torno da cruz durante o dia, e collocam-lhe lanternas para illumina-la durante a noite.

Sempre a superstição!

Desejariamos que os snrs. romanistas, que tanto bradam contra os protestantes, nos mostrassem o logar da Escripura que sanciona esse acto de mais grosseira idolatria.

Estatistica religiosa—Segundo os «mappas de estatistica de todas as nações do mundo», de Hübner ha no *Imperio allemão*, 25,600:000 christãos evangelicos, 14,900:000 catholicos romanos, 28:000 christãos gregos orthodoxos, 512:000 judeus, 6:000 de todas as outras denominações ou nenhuma.

Na *Austria-Hungria* ha 23,900:000 catholicos romanos, 3,600:000 christãos evangelicos, 7,220:000 gregos e outros christãos, 1,375:000 judeus, 5:000 mahometanos e outros. Na *França* ha 36,390:000 catholicos romanos, 600:000 christãos evangelicos, 118:000 judeus, 24:000 mahometanos e outros. Na *Grã-Bretanha e Irlanda* ha 26,000:000 protestantes de diversas communhões, 5,600:000 catholicos romanos, 26:000 gregos, etc. 46:000 judeus, 6:000 mahometanos e outros. Na *Italia* ha 26,660:000 catholicos romanos, 96:000 christãos evangelicos, 100:000 gregos etc., 36:000 judeus, 25 (?) mahometanos e outros. Na *Hespanha* ha 16,500:000 catholicos romanos, e 180:000 adherentes de outras communhões (não dão pormenores). Na *Russia Europea* ha 56,100:000 christãos gregos orthodoxos etc., 2,680:000 evangelicos, 7,500:000 catholicos romanos, 2,700:000 judeus, e 2,600:000 mahometanos e outros. Na *Belgica* ha 4,920:000 catholicos romanos, 13:000 da igreja reformada, 2:000 judeus, e 3:000 de outras communhões. Nos *Paizes Baixos* ha 2,001:000 da igreja reformada, 1,235:000 catholicos romanos, 64:000 judeus e 4:000 de outras communhões. Na *Suecia e Noruega*, ha 4,162:000 da igreja evangelica, 4:000 gregos e outros christãos, e 2:000 judeus, não havendo relatorio official dos catholicos romanos, sendo o seu numero calculado em 1:000.

Por cada 10:000 habitantes ha:

No *Imperio allemão*, 406 nascimentos; 292 obitos; 90 casamentos; 1:500 alumnos nas escolas primarias.

Austria-Hungria, 402 nascimentos; 352 obitos; 88 casamentos; 890 alumnos nas escolas primarias.

Grã-Bretanha e Irlanda, 346 nascimentos; 220 obitos; 77 casamentos; 800 alumnos nas escolas primarias.

França, 267 nascimentos; 231 obitos; 86 casamentos; 990 alumnos nas escolas primarias.

Italia, 360 nascimentos; 308 obitos; 80 casamentos; 708 alumnos nas escolas primarias.

A *Russia* tem a proporção mais diminuta nas escolas primarias, sendo em numero de 150 por cada 10:000 habitantes, e os *Estados Unidos* a maior, sendo de 2:180 por cada 10:000 pessoas.

Madagascar—A missão da Sociedade Missionaria de Londres n'esta interessante ilha é dirigida por duas mesas, em outros tantos districtos.

A do districto de Imerina dá a seguinte estatistica: 910 congregações, 344 pastores indigenas, 107 evangelistas, 3,036 pregadores, 67,010 membros da igreja, 219,709 adherentes, e 17,607 adultos que sabem ler. Ha 657 escholas, com 37,412 alumnos de ambos os sexos.

Tudo isto desde o anno de 1862, depois de trinta annos de atrozes perseguições, em que grande numero de crentes perecerem pelo nome de Christo.

Dias santificados—Diz a «Palavra», de 11 de dezembro, n'um artigo sobre a indifferença religiosa: «É cousa corrente a profanação dos dias sanctificados; é bem manifesto o abandono dos templos sagrados n'esses dias». *Verbi-gratia*. Nas romarias faz-se bom negocio no dia do Senhor; quando se inaugura um caminho de ferro ou uma ponte metallica, n'esse dia sagrado, lá está a igreja a benzer a profanação, e a *typographia da «Palavra» funciona nos domingos como em qualquer outro dia*.

A melhor religião—Le-se na «Imprensa Evangelica» do Rio de Janeiro:

«Um individuo, ao pagar ao conductor de bond a sua passagem, offereceu-lhe tambem um exemplar do Evangelho que levava na algibeira. Outro passageiro, vendo isto, disse ao conductor de modo que pudesse ser ouvido pelo outro:

—Não receba esse livro, porque é protestante. Esse homem é tambem protestante, e ganha dez mil reis por dia para andar desencaminhando gente e atrahi-la para o protestantismo.

Em quanto alguns pareciam applandir esta observação incivil, o primeiro passageiro, sem desconcertar-se, replicou em voz forte, mas calma, dirigindo-se ao conductor:

—Aceite este livro, senhor: é veja qual é melhor religião, se é a d'este senhor, que lhe permite insultar uma pessoa que não conhece, ou a minha, que me ensina n'este livro a soffrer com paciencia estes insultos, e até a fazer bem aos que me fazem mal.

O conductor aceitou e agradeceu o Evangelho, e Deus abençoará sem duvida o franco testemunho de seu servo n'aquella occasião.

A melhor religião—a religião verdadeira—é a que reforma os costumes, põe termo aos vícios e aos crimes, e faz os homens melhores.

Esta religião é a de Jesus Christo; não como alguns homens a representam e ensinam, mas como Christo e seus apóstolos a prégaram e a Biblia declara.

Comparece as estatisticas criminaes dos paizes protestantes com as dos paizes catholico-romanos, e ficar-se-ha convencido d'esta verdade».

Sem elles—Diz a «Gazeta de Noticias» do Rio de Janeiro de 20 do corrente que o bispo chegando ao Pará, prohibiu ao clero que assistisse á festa de S. Braz, e que o povo resolveu faze-la sem padres.

Ainda bem que o povo vae comprehendendo que pode passar sem elles, n'esses divertimentos chamados, festas religiosas.

ANNUNCIOS

RESPOSTA Á PASTORAL

DO EXC.^{mo}
BISPO DO PORTO
SOBRE O PROTESTANTISMO
PELO
PADRE GUILHERME DIAS

Preço 200 reis

À venda nas igrejas evangelicas do Porto e Villa Nova de Gaya. — Rua das Flores, 33; Livraria Civilisação, rua de Santo Idefonso, 10; e nas principaes livrarias d'esta cidade, Lisboa, Braga, Guimarães e Regoa.

A REFORMA

(FOLHA QUINZENAL)

Redacção e administração, Rua da Boa-Vista, 497
PORTO

Publica-se na primeira e terceira quinta-feira de cada mez.

Custo d'assignatura — (paga adiantada) Anno 240, semestre 120 reis: para as provincias accresce o porte do correio.

N'esta redacção vendem-se collecções completas da «Reforma» do 1.º anno; para a cidade custa 240 reis, e para as provincias 250.

É agente da REFORMA em Lisboa o Ill.^{mo} sr. José Alberto Santos de Carvalho — calçada do Cascão n.º 5 — 2.º.

Acha-se tambem à venda na mesma cidade, nos dias immediatos ao da publicação, em casa do Ill.^{mo} sr. Alexandre José Alves, rua de S. Berna do n.º 23, loja de mercearia.

CULTOS

PORTO — Largo do Coronel Pacheco — Todos os domingos ás 10 horas da manhã e 6 da tarde. Todas as quintas-feiras ás 6 1/2 da noite. Aula biblica nos domingos ás 9 horas da manhã.

VILLA NOVA DE GAYA — Logar do Torne ao pé do tunel — Todos os domingos ás 9 horas da manhã e 3 1/2 da tarde. Todas as terças-feiras ao anoitecer.

LISBOA — Igreja presbyteriana, Rua das Janellas Verdes n.º 2, ministro o Rev.º Roberto Stewart. Cultos inglezes — Todos os domingos as 11 1/2 horas da manhã e 6 1/2 da tarde. Todas as quartas-feiras oração, ás 8 horas da noite. Todos os sabbados á mesma hora, aula biblica.

Na mesma igreja. Ministro, o sr. Manoel dos Santos Carvalho. Cultos portuguezes — Todos os domingos ás 9 horas da manhã e 4 da tarde, e todas as quintas-feiras ás 7 da noite.

Aula biblica todos os domingos ás 3 da tarde e terça-feira ás 7 da noite. — Na rua de S. Miguel á Estrella 85, 3.º, culto todos os domingos ás 7 da noite. Na calçada do Cascão 5, 2.º, todos os domingos ás 11 1/2 da manhã e 6 1/2 da tarde, e todas as quartas-feiras ás 7 da tarde. No largo de Santa Barbara, Arroios 24, loja, todas as sextas-feiras ás 7 da noite.

Igreja Evangelica, rua da Conceição á Praça das Flores, ministro rev. Henrique Ribeiro Ferreira d'Albuquerque. Cultos todos os domingos ás 11 1/2 horas da manhã e 6 1/2 da tarde, e todas as quintas-feiras á mesma hora.

Eschola dominical ás 10 horas da manhã. Collegio diario, gratuito, para meninos e meninas.

PADRE GUILHERME DIAS

Sermão recitado na inauguração da abertura da capella evangelica methodista portugueza. Preço 120 reis.

Restam ainda alguns exemplares, os quaes se acham à venda n'esta redacção, e nas capellas da cidade e Villa Nova, todos os dias, excepto aos domingos. Remette-se para as provincias franco de porte,

DEPOSITO DE TRATADOS E LIVROS

LISBOA, JANELLAS VERDES N.º 4

OBRAS PUBLICADAS

Lucilia ou a inspiração das Escripturas, 324 pag.—100 reis.
Preservativo contra Roma, 128 pag.—50 reis.

A joven aldeana, 48 pag.—40 reis.

Vinde a Jesus, 64 pag.—40 reis.

Textos Biblicos, 187 pag.—300 reis.

Rellecções sobre a Virgem Maria, 30 pag.—20 reis.

Não se deve mudar de religião, 16 pag.—10 reis.

Erric, o criado russo, 16 pag.—10 reis.

O amigo da casa, 32 pag.—20 reis.

O amigo dos peccadores, 48 pag.—40 reis.

O livro dos livros, 56 pag.—40 reis.

Um homem que matava os seus visinhos, 23 pag.—30 reis.

Uma antigualha, 16 pag.—20 reis.

André Dunn, 77 pag.—40 reis.

Hymnos portuguezes (1 vol. encadernado), 215 pag.—100 reis.

Devocionarios, 30 pag.—20 reis.

Evidencias do Christianismo, 76 pag.—50 reis.

Como devemos entender a Biblia Sagrada? 15 pag.—10reis.

O menino da Matta, 32 pag.—30 reis.

Jessica, 43 pag.—40 reis.

O padre Jacintho, 16 pag.—10 reis.

A doutrina da Igreja de Roma e a doutrina da Biblia, 120 pag.—50 reis.

Biographia de Martin Boos, 188 pag.—80 reis.

Sou Christão? Como o posso saber? 92 pag.—60 reis.

O que é um sacramento, 44 pag.—30 reis.

O culto domestico, 48 pag.—20 reis.

Um homem que abalou o mundo, 80 pag.—30 reis.

Luz do Céu, 126. pag.—60 reis.

O que crêem os protestantes, 24 pag.—15 reis.

Como lês tu? 46 pag.—30 reis.

O Culto publico.—O domingo, 20 pag.—20 reis.

O Vigario de Christo.—O Calvario, 22 pag.—20 reis.

A Chamada.—A folha ensanguenada, 24 pag.—20 reis.

Exposição de Factos (na ilha da Madeira), 31 pag.—20 reis.

Um livro maravilhoso, 12 pag.—10 reis.

O amor de Deus, 8 pag.—10 reis.

Os dois Guihermes, 29 pag.—20 reis.

Trinta livrinhos, cada um, 7 pag.—5 reis.

Caminho de Deus para a paz, 150 pag.—50 reis.

«O Amigo da Infancia», sae cada mez 10 reis, (com lindas gravuras) e em volumes encadernados dos dois ultimos annos a 300 reis.

Um sortimento de livros em inglez de varios preços.

Pacotes de cartões illuminados e com textos da Biblia, a varios preços.

Do valor de 100 reis para cima, expedem-se estas publicações franco de porte.

Depositos onde se acham à venda as Sagradas Escripturas

LISBOA—Janellas Verdes N.º 28.

PORTO—Igreja Fvangelica, Largo do Cororel Pacheco.

MADEIRA—Rua da Queimada de Cima, 50.

N'es es depositos encontram-se as Sagradas Escripturas em todas as linguas da Europa, e tambem nas linguas originaes Grega e Hebraica.

Biblias, traducção de Figueiredo—500 reis.

Idem, traducção de Almeida—500 reis.

Novos Testamentos, traducção de Figueiredo—100 reis.

Idem, traducção de Almeida—100 reis.

Psalmos, traducção de Almeida—50 reis.

Evangelhos, traducção de Almeida—20 reis.

Ha um grande sortimento d'estes livros, com ricas encadernações, que se vendem por diversos preços.

EDITOR RESPONSÁVEL—G. P. DIAS DA CUNHA

Porto-1879—Typographia de Fraga Lamares & C.ª

12—Rua de S. João Novo—12